

Apresentação

Marcos Chor Maio
Ricardo Ventura Santos
(orgs.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MAIO, M.C., and SANTOS, R.V., orgs. Apresentação. In: *Raça, ciência e sociedade* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, 1996, pp. 9-11. ISBN: 978-85-7541-517-7. Available from: doi: [10.7476/9788575415177](https://doi.org/10.7476/9788575415177). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/djnty/epub/maio-9788575415177.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

APRESENTAÇÃO

As vinculações entre raça, ciência e sociedade no Brasil, tal como na cultura de diversos outros países ocidentais, é tão antiga quanto multifacetada. Ao analisarmos a trajetória das ciências no Brasil, especialmente a partir do século XIX, defrontamos repetidamente com exemplos que ilustram a íntima e recorrente associação entre tais conceitos. Vejamos alguns deles. Em 1845 o naturalista alemão Karl von Martius publicou no *Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* um ensaio no qual argumentava que, para se escrever a história do Brasil, era premente abordar as características das três raças que o compunham, quais sejam, dos brancos, índios e negros. Algumas décadas depois, já no início deste século, em 1911, o médico e antropólogo físico João Batista de Lacerda, então diretor do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, viajou para Londres como representante do Governo brasileiro para apresentar no I Congresso Internacional das Raças um trabalho no qual argumentava que o Brasil mestiço de então estava em processo de branqueamento. Para ilustrar sua proposta, Lacerda lançou mão de uma pintura de Brocos y Gómez, reproduzida na capa deste livro, que para ele encapsulava a “esperança” de que a população brasileira viria a branquear em poucas gerações. Os elementos constitutivos da obra – incluindo expressão, postura, tonalidade da tez e disposição espacial dos personagens – veiculam uma mensagem inequívoca, qual seja, a de que a miscigenação na direção “correta” rapidamente alteraria a constituição racial brasileira.¹ As predições acerca do branqueamento não se concretizaram e na década de 30 os interesses estavam voltados não mais para compreender como havia se processado a diluição e/ou a absorção de uma raça na outra, mas os mecanismos que permitiam uma convivência racial com reduzida taxa de preconceitos no Brasil. Nos anos 50, a “fórmula” (ou “modelo”) nacional de articular raça e sociedade tornou-se tema de interesse científico para além das fronteiras do País. Foi quando, no clima do pós-guerra, a UNESCO promoveu diversos estudos sobre as relações raciais no Brasil. Tais investigações colocaram em questão o mito da “democracia racial”, especialmente na Região Sudeste, ao darem visibilidade à discriminação racial existente no País. Nesta nossa década de 90 não esvaeceu o interesse pelos imbricamentos entre raça, ciência e sociedade. Particularmente relevantes são as análises de indicadores sociais, tais como renda, educação e saúde, entre outros, que apontam para a persistência de profundas desigualdades raciais contemporaneamente. Além disso, raça persiste como tema central nas reflexões de caráter histórico ante a relevância do conceito na gênese e desenvolvimento das ciências sociais no Brasil.

1 Para uma excelente análise acerca da tese do branqueamento, incluindo a utilização da obra de Brocos y Gómez por Lacerda, vide o texto de Giralda Seyferth (1985:87) “A antropologia e a teoria do branqueamento da raça no Brasil: a tese de João Batista de Lacerda”. *Revista do Museu Paulista*, n.s., 30:81-98, 1985.

Os temas mencionados acima são, dentre outros, alguns daqueles analisados nos capítulos que compõem este volume. À medida que se avança na leitura dos textos percebe-se que, longe de se constituírem em fatos isolados, as questões levantadas pelos autores inserem-se num arcabouço maior, qual seja, a longa e recorrente associação entre raça, ciência e sociedade no Brasil.

Esta coletânea teve como ponto de partida o seminário “Raça, Ciência e Sociedade no Brasil”, realizado no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, em 30 e 31 de maio de 1995. Por motivos diversos, nem todos os participantes do evento puderam colaborar com este livro. Visando preencher certas lacunas, convidamos posteriormente alguns autores para se unirem a nós na reflexão sobre o tema em apreço (Nísia Trindade Lima, Gilberto Hochman, Jair de Souza Ramos e Maria Lúcia Braga). Três foram os objetivos fundamentais do seminário, que se refletem na composição deste volume. Primeiro, abordar os temas da raça e das relações raciais a partir de uma perspectiva diacrônica, desde o século XIX até o presente, com o intuito de observar as mudanças e deslocamentos conceituais de forma abrangente. Segundo, apresentar um conjunto de trabalhos elaborados a partir de reflexões em diversos campos do conhecimento (antropologia, sociologia, história, ciência política e literatura), revelando assim a pluralidade de enfoques através dos quais a tríade raça, ciência e sociedade tem sido abordada. Terceiro, fornecer subsídios para a compreensão do cenário racial brasileiro contemporâneo.

O livro está organizado em quatro seções e quinze capítulos.

A primeira seção, constituída de quatro capítulos, discute as relações entre raça, ciência e nação da virada do século XIX até os anos vinte deste. Esta parte inclui análises de John Monteiro, Nísia Trindade Lima, Gilberto Hochman, Giralda Seyferth e Jair de Souza Ramos, que demonstram que reflexões sobre índios, negros, imigrantes, política imigratória, colonização e saúde pública foram matérias obrigatórias para as diversas definições de identidade nacional. Os artigos revelam as oscilações presentes à época entre enfoques mais afeitos ao determinismo racial e aqueles que se esforçavam em relativizar a importância da raça e do meio sobre a formação de constructos raciais.

A segunda seção traz três capítulos que tratam dos deslocamentos ocorridos no âmbito do conceito de raça a partir das décadas de 30 e 40. Sem a pretensão de estabelecer marcos cronológicos rígidos, observa-se que tanto no campo da cultura (Lourdes Martínez-Echazabal), da biologia/antropologia física (Ricardo Ventura Santos) ou mesmo da política — via lusotropicalismo — (Omar Ribeiro Thomaz) ocorreram mudanças não destituídas de importância do conceito de raça para o de cultura, ou de raça para população no caso específico da antropologia física. Os textos procuram não somente incorporar o debate e as experiências internacionais, mas também se indagam quanto a vigência de fato do cancelamento das matrizes anteriores de cunho racista e os limites dos deslocamentos ocorridos.

A terceira parte é composta de quatro capítulos que têm como eixo central a produção de sociólogos e antropólogos nacionais e estrangeiros sobre as relações raciais no Brasil entre as décadas de 40 e 60. Reúne contribuições de Maria Lúcia Braga, Antonio Sérgio Guimarães, Marcos Chor Maio e Maria Arminda Arruda. A parte mais substantiva dessa produção acadêmica foi elaborada no momento em que o Brasil era visto como um “laboratório” para a “experimentação” e entendimento positivo das interações raciais.

Neste sentido, as análises têm como referência central os trabalhos realizados sob patrocínio da UNESCO no início dos anos 50.

Finalmente, a quarta seção reúne quatro capítulos que se lançam num esforço abrangente de releitura da produção sociológica e antropológica anteriores, ante os desafios do momento presente. Neste sentido os temas do racismo e das desigualdades raciais (Carlos Hasenbalg), do complexo sistema de categorização de cores e raças pela cultura brasileira (Yvonne Maggie) e a atualidade de Gilberto Freyre ou Guerreiro Ramos (Lívio Sansone e Joel Rufino dos Santos, respectivamente) são alguns dos pontos de partida para a compreensão do dilema racial brasileiro e sua inserção no contexto internacional.

Agradecemos aos autores pela paciência e presteza exercitadas ao longo do processo de elaboração deste volume. Também à equipe do Centro Cultural Banco do Brasil, cujos esforço e apoio foram imprescindíveis não só para a realização do seminário “Raça, Ciência e Sociedade no Brasil”, como também para a concretização deste projeto editorial. Finalmente, à equipe da Editora Fiocruz, pelo enorme interesse e empenho ao longo do processo de feitura deste livro.

Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos